

O surgimento histórico do domínio da subjetividade e a constituição do campo psicológico

The historical emergence of the subjectivity domain and the composition of the Psychological Sciences

Aline Gabriela Simon; Ana Luíza de Britto Silva; Felipe Alves Fonseca; Paula Rego-Monteiro Marques Vieira; Sara Costa Cabral Mululo; Paulo Cardoso Ferreira Pontes; Arthur Arruda Leal Ferreira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO:

Nossa pesquisa procura descrever como surgiu o domínio da subjetividade, crucial para o surgimento da Psicologia. Recorremos ao trabalho de Michel Foucault, em sua História da Sexualidade, no que diz respeito ao surgimento do domínio da subjetividade, e ao de Fernando Vidal para entender o surgimento da Psicologia no século XVIII. Uma forma de compreender o que estamos definindo por subjetividade pode ser tomada a partir de uma das variantes do que Foucault chamou de *cuidado de si* em seus trabalhos dos anos 80. O cuidado de si diz respeito aos atos do indivíduo que o constituem como sujeito ético perante os códigos morais. Buscamos alguns indícios que poderiam nos levar ao *cuidado de si* próprio da Modernidade. O surgimento do domínio da subjetividade está vinculado à proliferação do discurso sobre a sexualidade a partir do século XVI, concomitante à intensificação da prática da confissão. As práticas de poder/saber originadas na confissão se transmutam numa *scientia sexualis*, difundindo seus efeitos na Medicina, na Pedagogia, na Demografia, nas práticas jurídicas, na polícia administrativa. Os rituais de confissão passam a funcionar nos esquemas da regularidade científica. A sexualidade passa a ser um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando intervenções terapêuticas e de normalização. Concomitantemente ao aparecimento da sexualidade como verdade do sujeito, no século XVIII também surge uma Psicologia que vincula outras formas de saberes de si com a noção de verdade no indivíduo,

conforme nos mostra Fernando Vidal. No século XVIII, ocorre uma profusão de discursos sobre o sujeito, a Psicologia, a alma e outros aspectos filosóficos, teológicos e científicos não necessariamente vinculados à sexualidade. Todos esses discursos têm a proposta de examinar o sujeito, produzindo um novo campo discursivo a ser explorado. A verdade, então, passa pela Psicologia e por um conhecimento dos pormenores da alma humana. Aproxima-se, dessa forma, da idéia defendida por Foucault sobre a existência de uma verdade interiorizada no indivíduo. O que nos interessa, de fato, é mostrar como já no século XVIII havia a produção de saberes que buscavam examinar, desvendar e dissecar a interioridade do sujeito, a partir da noção de verdade, além de fomentar o campo da subjetividade, do qual surgiu a Psicologia.

Palavras-chave: História da Psicologia; subjetividade; modernidade

ABSTRACT:

Our research attempts to describe the emergence of the subjectivity domain that is crucial for the birth of Psychology. We use the work of Michel Foucault, precisely his History of Sexuality, to understand the emergence of this domain, and Fernando Vidal work to comprehend the emergence of Psychology in the Eighteen Century. What we are calling subjectivity can be comprehended through a variance of the care of the self described by Foucault in his later works on the 80's. The care of the self is the practices through which individuals become ethical subjects before the moral codes. We searched for clues of this practices in Modern times. The emergence of the subjectivity domain is linked with the increase of the discourse about the sexuality since the Eighteen Century, concomitant to the increase of the confessional practice. The practices of Power/Knowledge which have origin in confession, change in some sort of *scientia sexualis*, spreading its effects in Medicine, Pedagogy, Demography, forensics practices, administrative police. The confession rituals become functioning by schemes of scientific regularity. Sexuality becomes a domain penetrable by pathological processes, needing normalization and therapeutical intervention. Vidal shows that in the Eighteen Century emerges a Psychology that links other manners of knowledge of the self with the individual truth, concomitantly to the emergence of sexuality as the subject truth. In the Eighteen Century emerge a multitude of discourses about

Psychology, soul, subject and other philosophical, theological and scientific aspects not necessarily linked to sexuality. All these discourses have the proposal of inspect the subject, producing a new discursive field to be explored. The truth, then, undergo by the Psychology and the knowledge about the human soul. This conception approaches Foucault opinion about a internal truth of the individual. For us, its important to show that in the Eighteen Century already exists disciplines that search the individual for his internal truth and produces the Psychological field from which the Scientific Psychology emerged.

Key words: History of Psychology; subjectivity; modernity

Será que aquilo que podemos chamar de subjetividade – como um campo de experiências interiores marcado por uma auto-reflexão – é algo universal e inerente ao ser humano? Segundo o trabalho de alguns historiadores, a subjetividade tem uma história. Para Michel Foucault, tem seu surgimento no Cristianismo e sofre um adensamento na Modernidade.

Nossa pesquisa tenta descrever como surgiu esse domínio da subjetividade, crucial para a emergência da Psicologia. Com tal intuito, nos utilizamos do trabalho de Foucault, em sua História da Sexualidade, sobre o surgimento do domínio da subjetividade, e de Fernando Vidal, para entender o surgimento da Psicologia no século XVIII.

Uma forma de compreender o que estamos definindo por subjetividade pode ser tomada a partir de uma das variantes do que Foucault chamou de *cuidado de si* em seus trabalhos dos anos 80. Este *cuidado de si* não define qualquer código moral, mas determinadas formas de relacionamento consigo. Existem os atos e os códigos ou leis morais (prescrições). Os atos são o verdadeiro comportamento do indivíduo em relação aos códigos a ele impostos. Estes últimos, de caráter meramente

proibitivo ou prescritivo, agem determinando o valor de uma conduta possível. A ética, ou *cuidado de si*, por sua vez, está relacionada com a maneira pela qual o indivíduo deve constituir a si mesmo enquanto sujeito moral das próprias ações, ou seja, como ele deve se comportar para agir de acordo com a moral. Esse *cuidado de si* é composto por quatro elementos: uma *substância ética*, aspecto do comportamento relacionado à conduta moral (podendo ser a *aphrodisia* greco-romana, a carne ou o desejo dos primeiros cristãos, a sexualidade moderna); um *modo de sujeição*, que consiste nos meios de regulação e princípios, em nome do quê esse cuidado é operado (uma regra racional, a política, a lei divina ou a ciência); uma *prática de si*, que diz respeito aos exercícios ascéticos efetivamente realizados (tais como a hermenêutica cristã, a contemplação de si na Grécia clássica, as técnicas de austeridade da ética greco-romana e as práticas confessionais da modernidade); e, por fim, uma *finalidade*, o que visamos, qual o tipo de ser ao qual aspiramos no contato com a moral (sujeito político ou ativo como os gregos, um ser humano plenamente racional para os estóicos, um sujeito purificado no cristianismo e a afirmação de si da ética moderna) (FERREIRA, 2001; FOUCAULT, 1983)¹¹.

Podemos encontrar referências ao *cuidado de si* nos primórdios do Cristianismo no texto de Foucault “O Combate da Castidade” (1987). O si é trabalhado não mais buscando glorificação, mas renúncia a si mesmo em nome dos desígnios divinos e da harmonia da alma com Deus. O modo de sujeição se baseia na obediência incondicional às leis de Deus, que transcende este mundo e pode conceder a imortalidade num outro mundo, o que constitui a finalidade desse *cuidado de si*. A substância ética se desloca

dos atos ligados ao prazer para o próprio prazer e também para o desejo, e esses, que se manifestam através dos pensamentos, agora passam a ser regulados. O pensamento é, então, tomado como objeto da prática de si, produzindo um espaço de interioridade onde se aloja a verdade do sujeito. As recomendações prescrevem uma vigilância total tanto dos atos quanto dos pensamentos através de técnicas de decifração feitas pela auto-análise e pela análise de algum sacerdote de nível espiritual mais “elevado”. Não basta buscar a verdade simplesmente no exame de si mesmo, é preciso que um outro me “examine”, ou seja, a verdade do sujeito só se revela completamente quando o discurso é interpretado pelo outro. E este outro não é um outro qualquer, mas alguém destinado a “examinar” e “julgar” as confissões. As anotações são utilizadas pelas práticas de si como forma de trazer à luz movimentos do pensamento no intuito de decifração do eu. A ascese se volta para uma busca da neutralidade dos atos, que devem ser feitos apenas pela absoluta necessidade. Se não podem ser evitados por completo, devem ser efetuados com o mínimo de desejo e sem nenhum prazer (FONSECA e PONTES, 2004).

Buscamos alguns indícios que poderiam nos levar ao *cuidado de si* próprio da Modernidade. Em “A vontade de Saber” (1977), embora Foucault não trabalhe com os mesmos referenciais teóricos dos outros volumes de sua História da Sexualidade, refere-se claramente à Modernidade. Nesse volume, o surgimento do domínio da subjetividade está vinculado à proliferação do discurso sobre a sexualidade a partir do século XVI. Embora a prática da confissão já existisse desde o século IV, com a Contra-Reforma intensifica-se o seu ritmo e impõem-se rigorosas regras para o exame de si mesmo. É interessante destacar que Foucault, ao

mudar os referenciais teóricos de sua obra, nos anos 80, recua a aparição das práticas ascéticas sobre o desejo e o pensamento para o início do Cristianismo (FONSECA e PONTES, 2004).

Para Foucault, na Modernidade surge uma nova forma de poder que não é centralizado, pois constitui uma trama onde todo o corpo social atua, e se difunde também como saber. Através deste dispositivo pôde aparecer a “sexualidade” enquanto verdade do sexo e de seus prazeres. Nessa teia de relações de saberes e práticas sobre o sexo, que Foucault chama de “dispositivo de sexualidade”, vão ocorrer alguns deslocamentos. As práticas de poder/saber originadas na confissão se transmutam numa *scientia sexualis*, difundindo seus efeitos na Medicina, na Pedagogia, na Demografia, nas práticas jurídicas, na polícia administrativa. O conhecimento de si não será mais capitalizado pela Igreja, mas sim pelos saberes, pelas disciplinas e pelos discursos mais variados. A prática confessional passa a ser utilizada em toda uma série de relações: crianças e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras. A confissão ultrapassa a prática da penitência e se abre a novos domínios (interrogatórios, consultas, narrativas). Os prazeres passam a sustentar um discurso de verdade sobre si mesmo, um discurso que não mais fala do pecado, da salvação, da morte, mas sim do corpo e da vida: o discurso da ciência. Os rituais de confissão passam a funcionar nos esquemas da regularidade científica (através das técnicas de exame, de um postulado de causalidade, um imperativo de medicalização). A sexualidade passa a ser um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando intervenções terapêuticas e de normalização.

Na tabela abaixo, aparecem sistematizados os dados sobre os quatro elementos do *cuidado de si* desde a Grécia Clássica até a Modernidade, conforme Fonseca e Pontes (2004):

	Substância Ética	Modo de Sujeição	Práticas Ascéticas	Finalidade
Grécia Clássica	atos relacionados ao prazer	estético-político	práticas corporais	existência bela
Antiguidade Tardia	atos relacionados ao prazer	natureza humana enquanto racional	austeridade dos atos	domínio de si
Cristianismo	pensamentos / desejos	leis divinas	hermenêutica de si	Imortalidade
Modernidade	sexualidade	científico	hermenêutica de si	revelação do “eu”

Entre os nascentes “saberes psi” (Psiquiatria, Psicologia e Psicanálise), o dispositivo da sexualidade se faz presente especialmente nesta última, embora com algumas modificações, pois essa questiona a teoria da degenerescência, que vincula os desvios de conduta aos casamentos impróprios; flexibiliza o controle sobre os corpos; e recombina

o dispositivo da sexualidade com o dispositivo da aliança, colocando a sexualidade não como mero produto biológico, mas atrelado a um conjunto de regras de parentesco.

As técnicas de verbalização passam a ter maior importância, sendo utilizadas pelas ciências humanas e, em particular, pelos “saberes Psi”, não mais com o objetivo de uma renúncia ao *eu*, mas para a revelação de um novo *eu* através da “ascese científica”. As ciências humanas, associadas à importância hegemônica do sujeito do conhecimento em filosofia, proporcionam o predomínio do “conhece-te a ti mesmo”, baseado na busca e revelação de um verdadeiro *eu* (em oposição ao “cuida-te de si mesmo” da estética greco-romana) (FERREIRA, 2001).

Concomitantemente ao aparecimento da sexualidade como verdade do sujeito, no século XVIII também surge uma Psicologia que vincula outras formas de saber de si com a noção de verdade no indivíduo, conforme nos mostra Vidal no artigo “The Eighteenth Century as Century of Psychology” (2000).

No século XVIII, ocorre uma profusão de discursos sobre o sujeito, a Psicologia, a alma e outros aspectos filosóficos, teológicos e científicos não necessariamente vinculados à sexualidade. Todos esses discursos têm a proposta de examinar o sujeito, produzindo um novo campo discursivo a ser explorado. A noção marcante no texto de Vidal é a de que a verdade, então, passa pela Psicologia e por um conhecimento dos pormenores da alma humana. Aproxima-se, dessa forma, da idéia defendida por Foucault sobre a existência de uma verdade interiorizada no indivíduo.

Vidal expõe a existência de revistas e publicações sobre Psicologia, além de uma disciplina acadêmica com seus diversos tratados metafísicos, teológicos e de cunho naturalista que tornam a Psicologia a única ciência capaz de responder a questões há muito pendentes. Não cabe, neste espaço, entrar em tais questões, pois o que nos interessa, de fato, é mostrar como já no século XVIII havia a produção de saberes que buscavam examinar, desvendar e dissecar a interioridade do sujeito a partir da noção de verdade, além de fomentar o campo da subjetividade, do qual surgiu a Psicologia.

Enfim, no trabalho de Vidal, lança-se uma luz sobre o percurso da subjetividade moderna tal como constituído pela Psicologia e atrelado à produção científico-filosófica-teológica destes saberes sobre o sujeito.

Por tudo anteriormente exposto, entendemos que os saberes psicológicos estão vinculados ao discurso sobre si, sendo esta uma prática já existente no Cristianismo. Já descrito o “mecanismo” pelo qual o homem passa a buscar a verdade sobre si dentro de si mesmo, restaria entender o porquê dessa obrigação dos discursos sobre si carecerem sempre de um ouvinte que daria sentido a tal manifestação, bem como por que não se acredita que o indivíduo tenha um auto-conhecimento imediato sobre si, precisando sempre de alguém que diga as verdades concernentes a essa região obscura de nós mesmos.

Referências Bibliográficas

FERREIRA, A. A. L. Verdade e desejo: a hermenêutica confessional como condição de surgimento dos saberes psi. *Anais do II Congresso Norte-Nordeste de Psicologia*. Salvador. CRP-03, 2001.

FONSECA, F. A., PONTES, P. C. F. Um estudo das práticas de si nas culturas ocidentais e orientais. *Anais do Seminário Internacional Michel Foucault: Perspectivas*. CD-Rom, 2004.

FOUCAULT, M. “Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho”. Em DREYFUS, H. & RABINOW, P. (Orgs.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. “O Combate da Castidade”. Em ARIÈS, P. & BÉJIN, A. (Orgs.) *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo. Brasiliense, 1987.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I - A vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1977.

VIDAL F. The eighteenth Century as "Century of Psychology". *Jarbuch Für Recht Und Ethik*, N-8, 2000.

Aline Gabriela Simon, Ana Luiza de Britto Silva, Felipe Alves Fonseca, Paula Rego-Monteiro Marques Vieira, Sara Costa Cabral Mululo e Paulo Cardoso Ferreira Pontes são Graduandos do Instituto de Psicologia da UFRJ.

Arthur Arruda Leal Ferreira é Professor do Instituto de Psicologia da UFRJ.
E-mail: arleal@antares.com.br

¹ Infelizmente, Foucault veio a falecer antes de dar seqüência ao seu trabalho, tendo analisado o *cuidado de si* na Antiguidade, mas não no Cristianismo e na era Moderna. Buscamos, então, em sua obra, alguns indícios que nos poderiam levar a esse *cuidado de si* que vai gerar a subjetividade Cristã e o adensamento que sofre na Modernidade.